

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann direcção musical
Martyn Jackson violino

27 Nov 2020 · 19:30 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CICLO MDS

MDS



Maestro Baldur Brönnimann sobre o programa do concerto.
[VIMEO.COM/483209492](https://vimeo.com/483209492)

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Franz Schreker

Sinfonia de Câmara (1916; c.25min)

Maurice Ravel

Tzigane, para violino e orquestra (1924; c.10min)

PAUSA — Comentários ao programa por por **Rui Pereira**

Modest Mussorgski

Quadros de uma exposição (1874; orq. Walter Goehr, 1942; c.30min)

1. *Promenade*
2. *O mercado de Limoges*
3. *Promenade*
- 3a. *O Velho Castelo*
4. *Promenade*
- 4a. *Tuilleries*
5. *Bydlo*
6. *Promenade*
- 6a. *Bailado dos passarinhos dentro das suas cascas*
7. *Samuel Goldenberg e Schmuyle*
8. *As catacumbas*
9. *Baba-Yaga, a cabana sobre patas de galinha*
10. *A grande porta (na antiga capital russa, Kiev)*

Franz Schreker

MONTE CARLO (MÓNACO), 23 DE MARÇO DE 1878

BERLIM, 21 DE MARÇO DE 1934

Franz Schreker foi um dos maiores compositores da primeira metade do século XX. Filho de um fotógrafo judeu da Boémia que se converteu ao catolicismo e casou com uma jovem da nobreza austro-húngara com ligações às influentes famílias Thurn und Taxis, Lobkowitz e Waldstein, Franz Schreker nasceu no Mónaco e fez os seus estudos de violino e composição em Viena, graduando-se no ano de 1900. A sua primeira ópera, *Flemmen*, data de 1902 e foi composta sobre um libreto de Dora Pollak, autora que viria a morrer em Auschwitz. A pantomina *O Nascimento da Infanta* (1908) sobre texto de Oscar Wilde e a ópera *Der ferne Klang* (*O Som Distante*, 1912), esta com libreto do compositor, afirmaram a sua reputação na Áustria e na Alemanha, seguindo-se *Das Spielwerk und die Prinzessin* (1913), *Die Gezeichneten* (1915) e *Der Schatzgräber* (1918) como óperas de consagração. Na altura em que escreveu esta última, deixando escrito na partitura um apoio declarado à unificação da Áustria e da Alemanha, Schreker era já o compositor alemão mais tocado do seu tempo, reconhecido como tal pela imprensa alemã nos anos seguintes. Foi também professor de composição em Viena e em Berlim, tendo uma das mais influentes classes do seu tempo. Após a subida de Hitler ao poder foi demitido do seu cargo na Academia das Artes de Berlim e proibido de exercer qualquer função. Sofreu um enfarte no final de 1933, vindo a morrer meses depois. Juntamente com muitos dos seus alunos foi um dos visados na exposição de Música Degenerada promovida pelo III Reich em 1938.

Reconhecido pela crítica como um mestre da harmonia e do colorido sonoro, Schreker

tinha um domínio completo da arte da orquestração. A **Sinfonia de Câmara**, de 1916, testemunha esse talento oferecendo sonoridades sinfónicas de grande impacto e expressividade dentro do contexto de uma formação de câmara. Parte do segredo desse efeito genial reside na divisão das cordas em 10 partes, as quais contribuem para uma densa textura que, com a totalidade dos instrumentos de sopro, a harpa, a celesta e o harmónio, chega a alcançar as 22 linhas independentes. A dobragem de certas linhas por conjuntos de instrumentos distintos é igualmente muito inventiva, criando timbres que emergem uns dos outros. Desde o seu início a Sinfonia faz-nos recordar a mais sofisticada música vienense da viragem para o século XX, denotando a influência de várias correntes estilísticas numa amálgama perfeita entre o Romantismo tardio, o Simbolismo e Expressionismo ou Impressionismo. Com um grande poder descritivo, por vezes pictórico, onde é visível o poder narrativo de um grande compositor do teatro lírico, a Sinfonia alterna constantemente o lirismo solista com as grandes sonoridades sinfónicas da tradição germânica. Estruturada em apenas um longo andamento, a Sinfonia de Câmara é uma das obras-primas instrumentais do século XX.

Maurice Ravel

CIBOURE, 7 DE MARÇO DE 1875

PARIS, 28 DE DEZEMBRO DE 1937

Não é difícil argumentar que Maurice Ravel e Claude Debussy eclipsaram a produção musical francesa do seu tempo. Ficaram conhecidos em vida como os Leões da música francesa. Cada um, à sua maneira, afirmou um estilo completamente inovador ao mesmo tempo que indiscutivelmente francês e com um índice de aceitação pelo público muito elevado, principalmente tendo em conta o facto de estarem ambos na vanguarda do seu tempo. No entanto, as características musicais de cada um são muito distintas. Se Debussy ficou conhecido como um inovador na forma, nos coloridos harmónicos, no poder narrativo e pictórico da chamada “arte da sugestão” através dos sons, Ravel foi um mestre da sofisticação melódica e orquestral, da perfeição e clareza de escrita e da capacidade de incorporar na sua escrita diferentes estilos nacionalistas, assumindo uma faceta de certa forma mais clássica do que o irreverente Debussy. Ravel foi um dos maiores orquestradores de sempre, escrevendo a maior parte das suas obras para orquestra a partir de originais para piano ou instrumentos solistas. Neste processo criativo parecia dividir o momento primordial de inspiração do perfeccionismo com que depois orquestrava as peças.

A peça que escutaremos não representa uma excepção a esta metodologia. *Tzigane*, cujo título remete para música cigana, foi originalmente escrita como uma rapsódia de concerto para violino e piano. O título desvenda desde logo algo de importante. Por um lado o carácter rapsódico da peça que junta diversos temas para o violino, e por outro o virtuosismo de dificuldade transcendente que a transporta

para a sala de concertos e a distingue da música de consumo doméstico. A dedicatória que se segue ao título é igualmente reveladora: a Jelly d'Aranyi. Sobrinha neta de Joseph Joachim, considerado no seu tempo o maior violinista do mundo, Jelly d'Aranyi estudou em Budapeste e fez carreira em Londres, tendo colaborado com os melhores músicos do seu tempo. Foi ela que encomendou a Ravel esta peça de concerto e a estreou na capital inglesa em 1924. Ravel inspirou-se numa improvisação que a artista fez a seu pedido sobre temas populares da música cigana.

Tzigane tem início com uma longa cadência a solo no violino. O estilo húngaro está presente desde o início, exibindo-se nos ritmos pontuados e claramente acentuados. O pendor modal das chamadas escalas ciganas dá um colorido muito especial à música e atribui-lhe uma identidade muito clara. No entanto, todos os temas são originais de Ravel. Na versão para orquestra e violino, estreada no mesmo ano pela Orquestra do Concertgebouw e o virtuoso Samuel Dushkin sob a direcção de Pierre Monteux, este grande solo desemboca numa cadência da harpa em arpejos que criam uma atmosfera sonhadora quase hipnótica. A textura orquestral é sempre extremamente clara e dá relevo aos solos do violino e aos diálogos com outros instrumentos muito característicos como o clarinete, o oboé ou a flauta piccolo. Os temas sucedem-se oscilando entre ritmos de danças tradicionais na esteira das melhores czardas húngaras e culminando num final impetuoso que solicita o aplauso do público.

Modest Mussorgski

KAREVO, 21 DE MARÇO DE 1839

SÃO PETERSBURGO, 28 DE MARÇO DE 1881

As diferentes peças para piano que compõem os **Quadros de uma exposição** na sua versão original, obra escrita por Modest Mussorgski em 1874, foram inspiradas em pinturas e desenhos do pintor Viktor Hartmann, que faleceu um ano antes, constituindo uma homenagem póstuma ao amigo do compositor. As peças estão estruturadas dentro deste ciclo como se fossem diferentes quadros de uma mesma exposição. Obra de extrema popularidade no repertório pianístico, representa um desafio técnico e expressivo de grande virtuosismo e tem na sua estrutura um sentido épico que caminha para um grande final apoteótico e transcendente.

Os *Quadros de uma exposição* foram alvo de um grande número de transcrições para as mais variadas combinações de instrumentos e agrupamentos de dimensões diferentes. O interesse por parte de tantos compositores e maestros em orquestrar os *Quadros* prende-se não só com a popularidade da versão original mas também pelo facto da escrita de Mussorgski ter uma concepção muito orquestral. Para orquestra são conhecidas mais de trinta versões diferentes, sendo a mais conhecida a que Maurice Ravel fez em 1922. A primeira orquestração foi feita pelo russo Mikhail Tushmalov na década de 1880 e até aos nossos dias continuam a ser feitas novas versões. A que escutaremos neste concerto é do compositor e maestro alemão Walter Goehr (1903-1960) e data de 1942. Foi feita como uma alternativa viável para orquestras de dimensão mais reduzida, tendo mesmo duas versões para permitir reduzir ainda mais o tamanho da orquestra.

Em relação ao original e à versão mais conhecida de Ravel, esta transcrição omite

o quadro dos Gnomos e altera a ordem das peças. O tema inicial que surge em momentos diferentes da obra representa a Promenade, ou seja, o caminho que o visitante percorre entre cada quadro ou cada galeria do suposto museu. De cada vez surge de modo diferente, como se cada quadro visionado mudasse o estado de espírito do observador. No início é apresentado num solo de trompete, como se fosse o chamamento de uma fanfarra, ao qual todos os outros instrumentos respondem. A utilização do piano numa escrita muito próxima ao original não deixa de surpreender e é feita nos momentos em que a textura requer maior densidade.

Walter Goehr escolhe como primeiro quadro, como se fosse ele o curador desta exposição, *O mercado de Limoges*. A cena retrata a confusão que reina num mercado onde por entre pregões os feirantes perseguem um animal que foge. Segue-se uma nova Promenade onde cabe à viola de arco apresentar o tema, pondo calma a toda a agitação precedente. Segue-se *O Velho Castelo*, peça de pendor modal onde o canto de um trovador ganha voz no solo do corne inglês e, depois, da flauta. As madeiras e as cordas em pizzicatos apresentam mais uma Promenade num registo mais vivo e que se precipita sem interrupção no célebre jardim das Tuilleries. Aí brincam as crianças, representadas pelos brilhantes solos da flauta, sob o olhar atento das suas amas. É grande o contraste com o próximo quadro que representa uma carroça puxada por um boi e onde a música parece retratar o pesado movimento da roda. O seu título é *Bydlo*, que significa gado. Uma recente teoria sobre os desenhos de Viktor Hartmann sustenta que a inspiração pode também ter partido de um esboço onde estão representados prisioneiros polacos. A Promenade seguinte é feita num registo tranquilo e meditativo. A imagem que se segue é muito curiosa: crianças vestidas

com cascas de ovo ilustram o figurino para um bailado (*Bailado dos passarinhos dentro das suas cascas*).

A partir de dois retratos isolados, de um judeu rico e de um judeu pobre, Mussorgski construiu um diálogo que é magistralmente exemplificado pelo carácter impiedoso de um e suplicante do outro (*Samuel Goldenberg e Schmuyle*). O ambiente torna-se pesado nas *Catacumbas* debilmente iluminadas por uma candeia. O ouvinte percorre estes túneis e vai adivinhando o misterioso percurso que o conduz para um sepulcro romano e onde por vezes a luz da candeia deixa adivinhar as ossadas e crânios que fazem as paredes. A música prossegue com uma belíssima ilustração do macabro e grotesco de uma figura mítica e fantástica dos contos da velha Rússia: é a bruxa *Baba-Yaga, a cabana sobre patas de galinha*. A música retrata o andar desta cabana desde os primeiros movimentos um pouco desengonçados até a um caminhar impetuoso e muito ritmado.

Um cenário grandioso termina esta sucessão de *Quadros*. O desenho das Portas de Kiev, *A grande porta (na antiga capital russa, Kiev)*, que celebram o fracasso dos assassinos que tentaram atacar o Czar Alexandre II em 1866, oferece uma solenidade processional que combina dois mundos bem expressos em toda a obra: o sagrado e o profano. O seu tema é reminiscente da própria Promenade com que a obra iniciou. Na versão de Goehr a junção do piano e do órgão reforça a grandiosidade do tema.

Não podendo ser consideradas como obras programáticas, no sentido de descreverem narrativas, estas peças são claras ilustrações de elementos pictóricos, uma reprodução musical de acções sugeridas pelas diferentes pinturas.

Baldur Brönnimann direção musical

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea do mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Kaija Saariaho, Harrison Birtwistle, Unsuk Chin, Helmut Lachenmann, Magnus Lindberg e Georg Friedrich Haas, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann. Apresentou-se em festivais como BBC Proms, Wien Modern, Darmstadt e Mostly Mozart no Lincoln Center. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, acredita firmemente na importância das actividades de âmbito educativo e comunitário e na necessidade de questionar as fronteiras tradicionais da música clássica. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Das temporadas passadas, destacam-se colaborações com as Filarmónicas de Seul, Oslo, Bergen, Luxemburgo e Real Escocesa, a Sinfónica WDR e as Orquestras de Câmara de Aurora e Munique. Em 2019/20, foi convidado para regressar às Sinfónicas das Rádios de Frankfurt e Viena — para uma interpretação da épica *Décima Sinfonia* de Schnebel no Musikverein. Trabalha frequentemente com ensembles de música contemporânea de todo o mundo: dirigiu o Klangforum Wien (em Viena e em digressão) e o Ensemble Intercompou-rain nos BBC Proms, homenageando a música de Boulez.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English Nacional Opera;

L'Amour de Loin de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski, *The Little Match Girl* de Lachenmann (com o compositor no papel de narrador) e *Die Soldaten* de Zimmermann.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá, entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Martyn Jackson violino

O violinista britânico Martyn Jackson foi aclamado pelo *The Berliner Morgenpost* como “um músico sensível, de interpretações apaixonadas e entusiasmantes” e “um músico de grande intensidade... uma marca invulgar para um jovem violinista” pelo *The Strad*. A lendária violinista Ida Haendel descreveu-o como “um dos mais talentosos violinistas que alguma vez encontrei.”

Apresentou-se a solo e integrado em ensembles de música de câmara no Wigmore Hall, Bridgewater Hall, Musikverein, Konzerthaus de Berlim, Queen Elisabeth Hall, Gasteig Philharmonie, Purcell Room e King’s Place. Tocou a solo com a Hallé Orchestra, Sinfónica de Berlim, Northern Chamber Orchestra, Melos Sinfonia, Southbank Sinfonia e Berliner Capella.

Integrou grupos de música de câmara com elementos da Filarmónica de Berlim e colaborou com músicos como Henri Demarquette, Martin Roscoe, Peter Donohoe, Guy Johnston, Valeriy Sokolov e Natalie Clein.

Além dos concertos a solo, Martyn Jackson é um entusiasta da música de câmara. Actualmente é líder do Allegri Quartet e membro fundador do Cavaleri Quartet. Esta última formação venceu o 2.º Prémio no Concurso Internacional de Música de Câmara de Osaka, em 2014, e realizou uma residência artística na Universidade de Oxford.

Martyn Jackson recebeu o Prémio Emily Anderson atribuído pela Royal Philharmonic Society e, juntamente com a violista Ann Beilby, foi o vencedor da Royal Overseas League Competition Ensemble Award. Foi concertino assistente da Sinfónica de Londres, Philharmonia, Sinfónica Escocesa da BBC e é actualmente concertino da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Em 2008, Martyn Jackson participou juntamente com o prestigiado violinista e maestro Shlomo Mintz num documentário sobre o Holocausto, *Amnon’s Journey*, um filme que retrata a relação intrincada entre músicos e os seus instrumentos, enquanto dá voz a uma geração perdida. Teve concertos transmitidos ao vivo pela BBC Radio 3, Bayerischer Rundfunk, Suisse Romande Television et Radio, Suddeutsches Radio e pelo canal de televisão BBC 4.

Martyn Jackson estudou Hochschule für Musik “Hanns Eisler”, em Berlim, com Stephan Picard e foi bolseiro no Royal College of Music, onde estudou com Itzhak Rashkovsky. Recebeu os conselhos e orientação de Zakhar Bron e Ana Chumachenco. É graduado da Juillard School. Frequenta com regularidade o Seminário Internacional de Músicos (Prussia Cove) e é formador no Keshet Eilon International Mastercourse e no Encuentro de Música y Academia de Santander.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Stefan Blunier maestro titular designado

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas e Jörg Widmann, a que se junta em 2020 o compositor Philippe Manoury.

A Orquestra celebra o 20.º aniversário da sua formação sinfónica em 2020. Tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. Ainda este ano, dá especial destaque às sinfonias de Beethoven e apresenta numerosas obras dos séculos XX e XXI nunca antes apresentadas em Portugal.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
José Pereira*
José Despujols
Maria Kagan
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Andras Burai

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Paul Almond

Viola

Alexander Znamenskiy
Emília Alves
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Jorge Villar Paredes
Tiago Pinto Ribeiro
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto

Saxofone

Fernando Ramos*

Fagote

Pedro Martinho*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

Piano/celesta

Jonathan Ayerst*

Celesta

Vitor Pinho*

Órgão/harmónio

João Santos*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

